

e da Justiça Ambiental retrata conteúdos sobre sustentabilidade, promoção da saúde e justiça ambiental, apontando uma proposta de análise integrada e contextualizada acerca dos riscos ambientais, no contexto do desenvolvimento econômico e tecnológico, particularmente em países e territórios com desigualdades e vulnerabilidades sociais.

O autor, considerando sua experiência nos campos da saúde coletiva, ecologia política, economia ecológica e análise de riscos e desastres, explora conceitualmente as interfaces entre limites e possibilidades de conceitos como saúde, riscos, complexidade, incertezas e vulnerabilidade. Procura articular ecologia, saúde e política, apontando caminhos para profissionais e não profissionais compreenderem a complexidade e abrangência, de modo singular e global, para possíveis mudanças nos modelos de desenvolvimento que interferem negativamente na saúde das comunidades.

O livro está dividido em cinco grandes blocos. O primeiro aborda riscos, saúde e vulnerabilidade, contextualizando os riscos e apreendendo sua complexidade. O segundo centra-se numa visão ecossocial e abrangente dos conceitos de riscos e saúde. Por sua vez, o terceiro bloco apresenta os riscos, níveis de complexidade e incertezas de acordo com a ciência pós-normal em que pontua aspectos relacionados aos três tipos de sistemas ou ordens de complexidade. No quarto bloco, é explorado o conceito transdisciplinar de vulnerabilidade. Por último, o quinto bloco pontua os princípios para uma compreensão integrada e contextualizada dos riscos.

Esta obra é dirigida para o trabalho e o diálogo de diferentes pessoas, organizações e instituições que atuam na investigação e enfrentamento de problemas de saúde, trabalho e ambiente, em realidades ou contextos considerados vulneráveis e que marcam a realidade não somente brasileira, como também de diferentes países latino-americanos, africanos e asiáticos. Desnecessário ressaltar a importância desta obra ao levantar questões e apontar princípios que contribuem para a compreensão dos riscos em sua complexidade e abrangência, entendendo-os num contexto maior que facilite a mudança dos modelos de desenvolvimento prejudiciais à saúde das comunidades, de trabalhadores, dos ecossistemas e o exercício dos direitos humanos fundamentais.

O livro possui tanto um caráter didático, voltado à orientação na formação dos interessados em entender e enfrentar os riscos ocu-

pacionais e ambientais em uma nova vertente, quanto teórico, uma vez que apresenta um sistema de compreensão resultante de uma longa trajetória coletiva e pessoal de reflexão e prática sobre este tema. Trata-se de uma reflexão centrada em um enfoque interdisciplinar, apresentando a noção de risco de forma mais holística e contextualizada em que o autor equilibra dois tipos de discursos: um de caráter acadêmico, voltado para a natureza do conhecimento científico, com os seus aspectos conceituais e metodológicos; o outro tipo de discurso possui uma natureza mais pragmática e, ao mesmo tempo, ética e política.

Antonia Oliveira Silva

*Programa de Pós-Graduação
em Enfermagem, Universidade Federal da
Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil*

Clara Pracana. 2008. *Felix Culpa*. 328 pp. Lisboa: Edições OVNI. ISBN: 9789898026064.

Os ensaios em psicanálise são, hoje em dia, relativamente raros. A maioria dos escritos psicanalíticos é fruto da prática clínica e visam precisamente essa mesma prática clínica. Clara Pracana com este seu ensaio - *Felix Culpa* - reafirma a importância da reflexão teórica numa disciplina predominantemente clínica, mas que não se esgota no caso individual nem no divã onde se organiza, sessão após sessão, um discurso singular.

A autora foca o olhar sobre um dos fenômenos psíquicos omnipresentes na clínica e na cultura: a culpa. Contrariamente ao que é quase provocatoriamente sugerido pela imagem da capa do livro, o ensaio tem de ser lido de olhos bem abertos e pensamento lúcido, e não será, com certeza, um sorriso aberto que iremos ter no final da sua leitura. É um livro exigente, que requer do leitor atenção e disponibilidade interna para absorver todas as implicações da presença e da ausência da culpa. A capa sugere a culpa feliz, que dá título ao livro, a culpa vivida no registo narcísico e borderline onde o pensamento, no sentido bioniano é falho ou não tem lugar. É também, num outro sentido, culpa feliz, porque organizadora da cultura e responsável por o homem se superar a si próprio, num percurso que se organiza da vergonha à

culpa propriamente dita, e numa culpa que se transforma progressivamente em responsabilidade e justiça.

Felix Culpa, como a própria autora diz, é um ensaio sobre a culpa nas suas diversas manifestações, conteúdos e elaboração, tanto a nível do psiquismo individual, como a nível colectivo. Clara Pracana, nesta obra, percorre o caminho subtil e laborioso que nos permite perceber a existência da culpa enranhada na vida psíquica saudável e na vida patológica. É um estudo ímpar de reflexão teórica e de análise. Habilmente, capítulo após capítulo, percorrendo a matriz original da cultura ocidental e as mais modernas obras psicanalíticas, o livro transporta-nos para o epicentro da culpa, onde observamos o convívio inevitável de uma culpa que ora nos leva mais longe na conquista da cultura, ora nos esmaga em sentimentos de remorsos e pesar avassaladores.

A psicologia e a psicopatologia da culpa são igualmente revisitadas - a culpa sem nome, a autoculpabilização, a pedagogia da culpa, a depressão melancólica, a culpa inconsciente, o masoquismo moral, a reacção terapêutica negativa, etc. - descobrindo, nesse movimento, a pulsão de morte e as suas inevitáveis consequências. A culpa é um derivado da pulsão de morte, uma expressão inequívoca da sua existência, mas, paradoxalmente, é também propulsora da cultura e da civilização. Na culpa e com a culpa, Clara Pracana vê, num certo sentido, o lado positivo da pulsão de morte. A culpa é, tal como a pulsão de morte, condição do ser humano.

O livro está dividido em duas partes e quatro capítulos. O primeiro, segundo e terceiro capítulo constituem a primeira parte da obra, onde é feita a análise da maneira como a culpa emerge na cultura grega, toma forma(s) e se manifesta, entre os séculos VIII e V a.C.. Os modelos e os constructos psicanalíticos percorrem toda a análise, formando-se inúmeras novas leituras de um vertex psicanalítico. O primeiro capítulo analisa a *Ilíada*, de Homero. No pensamento de Homero, Aquiles representa o vivido borderline, herói sem culpa, narcisicamente movido e ferido, para quem a vergonha e a humilhação narcísica falam mais alto. A *Ilíada* é, nas palavras da autora, 'um universo de sucessivas identificações projectivas, com ausência de culpa e de remorsos, sobretudo nas falas das personagens de Helena e de Heitor. Hino à guerra, a *Ilíada* deixa já antever uma preocupação relacionada com os conceitos de culpa e responsabilidade, embora o vocabulá-

rio usado seja ainda algo limitado, no sentido em que o termo assume variados significados, aparentemente mais ligados à honra do que a uma noção interiorizada de erro'.

O segundo capítulo analisa a tragédia ática, com especial ênfase em Rei Édipo, de Sófocles. Através desta tragédia, tal como fez Freud, a emergência da culpa e as suas diversas manifestações são vistas e revistas. Para além de Sófocles, Séneca e Eurípides têm também lugar no pensamento e na análise da autora. O terceiro capítulo versa sobre o trabalho da civilização, a responsabilidade e a culpa. Clara Pracana afirma que o percurso da sociedade humana, que passa por noções como lei e justiça (a divina e a dos homens) pode ser visto no movimento da culpabilidade colectiva à responsabilidade e à culpa individual. Como fica claro ao longo destes primeiros capítulos, a sociedade grega antiga e as suas produções culturais oferecem-nos um espectacular, se bem que parcial, quadro desse tortuoso e difícil caminho.

A segunda parte do livro debruça-se intensivamente sobre os contributos da psicanálise para a compreensão da culpa, enquanto emoção base em qualquer um de nós. A psicanálise da culpa insere-se na psicanálise dos afectos e, nesta medida, Clara Pracana segue o percurso feito por diferentes autores, mas evita a construção de um inventário com as teses desses autores. Assim, pega directamente na culpa e elabora sobre ela, utilizando como conceito central o conceito de pulsão de morte, que foi (e é) um daqueles conceitos com força suficiente para gerar clivagens. Alguns autores, entre os quais se inscreve Clara Pracana, consideram-no extremamente útil para compreender os mais diversos fenómenos do psiquismo, enquanto outros o acham não só dispensável, como um perigo para a psicanálise. A autora anuncia o seu ponto de partida: 'O primeiro tema parte de uma ideia referida por Freud em *Análise Terminável e Interminável*, a de que a culpabilidade seria uma das formas de expressão da pulsão de morte, por via do masoquismo moral, e na sua vertente da necessidade de autopunição'.

Tendo como fio condutor a pulsão de morte, é inevitável vermos emergir nesta segunda e última parte do livro as reflexões sobre a depressão e a melancolia associadas à culpa patológica. Como refere Clara Pracana, na Introdução 'A culpa, se excessiva, poderá ter uma face patológica, deixando de ter uma função importante na constituição da psique, da personalidade e da identidade do indivíduo e passando a ter com a depressão um resulta-

do em comum: o do prejuízo grave do Eu. Se excessiva e patológica, a culpa pode passar de culpa feliz (isto é, feliz para o psiquismo, para a capacidade de socialização e para a construção da civilização) a culpa infeliz (para o Eu). É a depressão que pode chegar a ser melancolia'.

Nas conclusões, sigo a autora numa reflexão sobre o fenómeno do terrorismo e tomamos atenção ao seu alerta para o facto de 'o terrorismo, designadamente aquele que é acompanhado de auto-sacrifício, é, na sua forma moderna, uma forma de desestabilizar as sociedades pelo mal-estar ou pelo terror. A sua força e eficácia são amplificadas pelo acesso fácil à imagem, o que propicia um mecanismo paradoxal: diante do horror do sacrifício de vidas inocentes (muitas vezes, crianças), o indivíduo/cidadão/espectador é levado a uma identificação com a vítima (inocente) e com o perpetrador, que frequentemente aparece também como vítima. [...] A vitimização do agente, que morre juntamente com a vítima, faz com que a causa defendida possa ser nomeada como sagrada, numa espécie de ritual

monstruoso, cujo carácter purificador é, aliás, frequentemente assinalado na propaganda da *jihad*'.

As implicações da culpa e da força que está na sua origem, a pulsão de morte, são, desta forma, analisadas minuciosamente e com o rigor de um pensamento claro e culto. A hipótese de trabalho enunciada é amplamente reforçada pelo material apresentado e discutido, podendo afirmar-se, após uma leitura atenta, que a culpa, como ambivalência primordial, faz parte do psiquismo humano, que sempre esteve presente, de forma mais ou menos explícita, mais ou menos consciente, mais ou menos benigna, mais ou menos maligna. A autora revela, com mais este livro, a sua capacidade de expandir os conhecimentos e de trabalhar para além das fronteiras impostas pelas disciplinas, dando, por outro lado, um contributo importante à psicanálise como reflexão e modelo de conhecimento.

Ana Almeida